

Schelling, entre outros, atribui à existência humana uma tristeza fundamental, inescapável. Mais particularmente, esta tristeza oferece o fundamento sombrio sobre o qual assentam a consciência e a cognição. Este fundamento sombrio deve, na verdade, ser a base de toda a percepção, de todo o processo mental. O pensamento é rigorosamente inseparável de uma «melancolia profunda e indestrutível». A cosmologia atual oferece uma analogia à crença de Schelling. Aquela do «ruído de fundo», dos comprimentos de onda cósmica, esquivos mas inescapáveis, que são os vestígios do Big Bang, do surgimento do ser. Em todo o pensamento, de acordo com Schelling, esta radiação primitiva, esta «matéria negra», é uma tristeza, um pesar (*Schwermut*), que também é criador. A existência humana, a vida do intelecto, significa uma experiência desta melancolia e a capacidade vital de a superar. Nós somos, por assim dizer, criados «entristecidos». Nesta noção existe, quase indubitavelmente, o «ruído de fundo» do universo Bíblico, das relações causais entre a aquisição ilícita do conhecimento, da discriminação analítica e do banimento da espécie humana do estado de felicidade inocente. Um véu de tristeza (*tristitia*) cobre a passagem, por muito positiva que ela possa ser, do *homo* para o *homo sapiens*. O pensamento carrega em si um legado de culpa.

As notas que se seguem são uma tentativa, inteiramente provisória, para compreender estas proposições, para apreender a título especulativo algumas das suas implicações. Elas são necessariamente inadequadas devido à espiral por meio da qual qualquer tentativa de pensar sobre o pensamento se vê enredada no processo do pensamento, na sua autorreferência. O celebrado «Eu penso, logo existo» é, ao fim e ao cabo, uma tautologia aberta. Ninguém pode estar numa posição exterior a ela.

Não podemos na realidade saber (*in Wirklichkeit*) o que é o «pensamento», em que consiste «pensar». Quando tentamos pensar sobre o pensamento, o objeto da nossa investigação é interiorizado e disseminado no processo. Ele é sempre simultaneamente imediato e inatingível. Nem mesmo na lógica ou no delírio dos sonhos podemos alcançar um ponto de vista externo ao pensamento, um ponto arquimediano a partir do qual circunscrevêssemos ou pesássemos a sua substância. Nada, nem mesmo as investigações mais profundas da epistemologia ou da neurofisiologia, nos conduziu para além da identificação proposta por Parmênides entre o pensamento e o ser. Este axioma continua a ser, simultaneamente, fonte e limite da filosofia ocidental.

Temos provas de que o processo do pensamento, da criação de imagens conceptuais, persiste mesmo até durante o sono. À semelhança da respiração, determinados modos de pensamento são inteiramente resistentes a qualquer interrupção que seja. Podemos, durante breves períodos, sustentar a nossa respiração. Não é de modo algum claro que possamos estar *sem pensar*. Há quem se tenha esforçado para alcançar esta condição. Certos místicos, certos adeptos da meditação, procuraram atingir o vazio, um estado de consciência inteiramente recetivo porque vazio. Aspiraram a habitar o nada. Mas este nada é ele mesmo um conceito,

carregado de paradoxo filosófico, e emocionalmente saturado, quando alcançado por meio da meditação dirigida e de exercícios espirituais, como em Loyola. São João da Cruz caracteriza a suspensão do pensamento mundano como transbordante da presença de Deus. Uma verdadeira interrupção da pulsação do pensamento, exatamente como a interrupção da nossa pulsação fisiológica, é a morte. Durante algum tempo, os cabelos e as unhas de uma pessoa morta continuam a crescer. Tanto quanto nos é dado saber, não se verifica qualquer prolongamento do pensamento, por breve que seja. Daí a sugestão, em parte gnóstica, de que apenas Deus se pode desligar do Seu próprio pensamento, num hiato essencial ao ato da criação.

Regressemos a Schelling e à asserção de que uma tristeza necessária, um véu de melancolia, se associa ao próprio processo do pensamento, à percepção cognitiva. Poderemos nós tentar esclarecer algumas razões para tal? Teremos nós o direito de perguntar por que não deverá o pensamento humano ser alegre?

1.

Tanto quanto estamos disso conscientes, tanto quanto nos é permitido «pensar o pensamento» — regressarei a esta estranha expressão — o pensamento é ilimitado. Podemos pensar sobre *tudo e qualquer coisa*. Aquilo que fica fora ou para além do pensamento é rigorosamente *impensável*. Esta possibilidade, que é em si uma demarcação mental, situa-se fora da existência humana. Seja como for, não há dela qualquer prova. Perdura como uma categoria oculta de conjectura religiosa e mística. Mas poderá também figurar nas especulações científicas, cosmológicas, na concessão de que uma «teoria de tudo» reside fora e para além da compreensão humana. Assim, podemos pensar/dizer: «Este problema, este tópico, ultrapassa as nossas possibilidades cerebrais, seja no momento presente ou para sempre.» Mas dentro destes limites mal definidos, sempre fluídos e talvez contingentes, o pensamento não tem fim, não tem qualquer ponto — orgânico ou formalmente prescritivo — onde se deter. Pode supor, imaginar, reunir, brincar com *qualquer coisa* (não há nada mais sério e, em certos aspetos, enigmático do que brincar), sem saber se há, ou se poderia haver, alguma outra coisa. O pensamento pode conceber uma mul-

tiplicidade de universos com leis científicas e parâmetros inteiramente diferentes dos nossos. A ficção científica gera tais «alternativas». Um bem conhecido enigma lógico postula que o nosso universo não tem mais do que um nanossegundo de existência e que a soma das nossas memórias é embutida no córtex no momento do nosso nascimento. O pensamento pode teorizar que o tempo tem um princípio ou que não o tem (decretar que não faz sentido questionar sobre o momento *anterior* ao Big Bang tem algo de sofisma despótico). Ele pode produzir modelos de espaço-tempo delimitados ou infinitos, em expansão ou em contração. A classe dos contrafactuais — dos quais as frases com «se», opcionais e conjuntivas, são a codificação gramatical — é incomensurável. Podemos negar, transmutar, «desdizer» o que é mais óbvio, o mais solidamente estabelecido. A doutrina escolástica, segundo a qual o único limite concebível à onipotência divina é a incapacidade de Deus para alterar o passado, não é convincente. Podemos facilmente pensar e dizer uma tal alteração. A memória humana executa este truque diariamente. As experiências do pensamento, das quais a poesia e as hipóteses científicas são eminentemente representativas, não conhecem quaisquer limites. Aquela simples expressão monossilábica inglesa «let»¹, que precede as conjeturas e as demonstrações na matemática pura e na lógica formal, representa a licença arbitrária e a ausência de limites do pensamento, do pensamento manipulando os símbolos, do mesmo modo que a linguagem manipula as palavras e a sintaxe.

O pensamento humano reflete sobre a nossa própria existência. Suspeitamos, embora sem estarmos disso absolutamente certos, que os animais não o podem fazer, mesmo

1 Em português, o equivalente não é monossilábico: «suponhamos que». (N. T.)